

**A PERSPECTIVA DOS SENTIMENTOS DE INFERIORIDADE E
INVEJA: UMA ANÁLISE DA LITERATURA
CONTEMPORÂNEA NO CONTO
“DOIS VELHINHOS”, DE DALTON TREVISAN**

Paulo Hernandes Gonçalves da Silva (UFT e IFTO)
paulohg@ifto.edu.br

Francisco Edviges Albuquerque (UFT)
fedviges@uol.com.br

RESUMO

Este artigo busca na análise do texto literário a compreensão dos costumes sociais e das relações interpessoais, bem como o pensar do ser humano sobre assuntos existenciais do cotidiano e da alma. Objetivou-se discorrer sobre a inveja velada, dissimulada e encançada a que o ser humano se submete, conforme detectado nos personagens do conto “Dois Velhinhos”, do escritor Dalton Trevisan. Para a concretização do estudo, foram utilizadas a pesquisa bibliográfica com base na literatura contemporânea, o aprofundamento dos elementos da narrativa e a análise do discurso, os quais permitiram identificar e explorar estes sentimentos que sucumbem muitos indivíduos a viverem numa perspectiva da infelicidade.

Palavras-chave:

Conto. Inveja. Velhice. Dalton Trevisan.

1. Considerações iniciais

A Literatura Brasileira Contemporânea está inserida nas produções do final do século XX e da primeira metade do século XXI, em que a principal característica é a multiplicidade de predisposições de estilos. Trata-se da reunião de aspectos de diversas escolas literárias anteriores, demonstrando assim, a mistura de tendências que modificaram a poesia e a prosa, perpassando por contos, romances, crônicas, novelas, dentre outros (SCHOLLHAMMER, 2011).

No que diz respeito aos elementos da narrativa, no caso do conto, segundo Nunes (1988), percebe-se que estes são fundamentais e ajudam a especificar a análise de posicionamentos e a melhor precisar as posições, ações e pensamentos dos personagens no texto.

Espera-se, com a análise destes itens, contribuir para melhor entendimento do fenômeno identitário, pois conforme Silva e Albuquerque

(2018, p. 48) que “os valores intrínsecos da identidade são constituídos por diversos modos de percepções, resultando em experiências e interpretações únicas, pois integram paisagens, sentimentos, possibilidades e manifestações”, o que é perceptível também nas relações interpessoais presentes no conto, que neste caso não são nenhum pouco amistosas.

É importante esclarecer que a inveja – temática do conto – é uma palavra proveniente do latim “invidia” e significa ver e desejar algo que a outra pessoa é possuidora. Para Aristóteles (2003), as pessoas, geralmente, sentem cobiça daqueles que são iguais ou parecidas com elas mesmas em aspectos como idade, classificação social, proximidade, reputação e/ou quantidade de bens.

Portanto, nota-se que o sentimento é negativo e representa a tristeza ou o pesar pelo bem alheio. Este trabalho, portanto, objetiva descobrir por meio da leitura e releitura do conto, os pormenores e sutilezas do texto, que permitam identificar e explorar a inveja dissimulada que um personagem convalescente sente do outro, mesmo estando em iguais condições de convalescência e na fase terminal de sua vida.

2. O escritor Dalton Trevisan e o seu fazer literário

O escritor brasileiro Dalton Jérson Trevisan, nascido em Curitiba no estado do Paraná, é considerado um dos maiores contistas do Brasil, com reconhecimento em vários países do mundo. Formado em Direito, ele não chegou ao desempenho das atividades na área do bacharelado. Segundo Jakubowska (1980), sua carreira de escritor iniciou-se com uma estratégia muito sutil, por meio de pequenas obras que eram duplicadas de forma manual para apresentar aos amigos e críticos de literatura.

A forma de escrever trevisaniana é comparada ao modo do escritor russo Anton Tchekhov, conforme as conexões devidamente justificadas por Silva (2017, p. 23), levando-se em consideração que em suas narrativas são postas em cena vidas muito desinteressantes, narradas a partir de uma linguagem breve e direta:

Os contistas Trevisan e Tchekhov provêm de realidades sociais distintas. Um é brasileiro e ainda está na ativa, publicando seus livros; o outro produziu durante a segunda metade do século XIX, na Rússia. Apesar das diferenças geográficas e temporais, observamos características comuns entre os dois. Tchekhov colocou no centro de sua literatura personagens cujas vidas são

apáticas, desinteressantes, solitárias e marcadas pela fixidez; ele preconizou e praticou a economia dos recursos expressivos, atendo-se ao indispensável; evitou a descrição do estado de espírito dos seus “heróis”, fazendo com o que leitor o percebesse por meio de suas ações; e subverteu a clássica progressão dramática, baseada em desenvolvimento, clímax e desfecho. Filiando-se ao escritor russo, a contística trevisânica encontra nas pessoas e situações triviais a sua matéria narrativa; leva ao extremo a condensação dos meios narrativos; revela-nos o estado emocional dos personagens por meio de seus atos e rompe com a construção dramática tradicional.

Tem-se na sua escrita, a tratativa de temáticas polêmicas e interessantes, o autor faz um verdadeiro passeio pela inveja velada no conto *Dois Velinhos*. Nesta perspectiva, a inveja é tratada como um fenômeno psicológico comum que causa um grande sofrimento ao personagem em questão, considerando-se a sua vontade de estar no lugar do outro (WALDMAN, 2009).

A compreensão sobre a escrita de Trevisan é o marco deste artigo. Apreende-se um estudo literário, promovido por meio da revisão de textos que abordam a as impressões trevisanianas, uma vez que sua literatura apresenta a possibilidade de se analisar a essência humana, mais especificamente ao tema da cobiça em determinado tempo e espaço, tanto em obras com verossimilhança com o mundo real, tanto quanto em obras totalmente ficcionais.

Centralizam-se a pesquisa e a análise literária nos caracteres pessoais e interiores dos dois personagens existentes no conto. Nesse contexto, os elementos da vida dos velinhos são evidenciados e expostos na representação literária, por meio de um narrador em terceira pessoa, que conta a história sob a sua perspectiva, deixando ao leitor as suas impressões, mesmo ele estando fora da narrativa.

Para Foucault (1992), existe no uso da linguagem o enraizamento de vidas, de sociedades, de histórias, uma vez que os discursos apresentam direcionamento e veiculação de determinada ideologia, e por isso as táticas de exposição do narrador são, de forma muito consciente, estratégias de persuasão ao leitor.

Por sua vez, similarmente, nos argumentos de Bakhtin (1993), o sujeito elaborador de um discurso é um idealista, cujas palavras configuram-se como ideias e concepções com base no seu pensar e refletir, e por isso, transfigura um ponto de vista sobre o mundo, no qual o sujeito demonstra uma significação social, seja às suas atitudes ou aos seus pensamentos.

Por conseguinte, à maneira trevisaniana, segundo Oliveira e Dantas (2011), foi configurado neste estudo uma análise de dois personagens que aparecem destituídos de nomes, sendo designadas apenas em função do lugar em que residem e coabitam – um próximo à janela e outro mais central ao quarto – sempre na visão de um narrador que ora tece comentários tristes, ora apresenta respingos de ironia ou sarcasmo, bem como outros da natureza instintiva humana de sobrevivência.

3. O conto “Dois Velinhos”: as perspectivas e nuances do texto

O envolvimento dos leitores com as narrativas do conto torna-se possível pela escolha do foco narrativo. Por conseguinte, a perspectiva sobre o qual se conta a história, faz com que surjam ideologias específicas, como um leque significativo de interpretações, consoantes às teorias apresentadas Bakhtin (1993), que vislumbram as prerrogativas do discurso.

Note-se que na conceituação bakhtiniana, segundo Torga e Cavalcante Filho (2011), o enunciado é a unidade real da comunicação discursiva, já que o discurso só tem possibilidade de existir na forma de enunciados e que o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permite compreender de uma maneira mais correta a natureza das unidades da língua, e por isso, os enunciados apresentados por Dalton Trevisan são tão significativos e realistas no conto ora analisado.

Destaque que as especificidades aqui discutidas ficam mais evidentes após a leitura do conto em sua íntegra (TREVISAN, 1996, p. 110):

Dois Velinhos

Dois pobres inválidos, bem velinhos, esquecidos numa cela de asilo.

Ao lado da janela, retorcendo os aleijões e esticando a cabeça, apenas um podia olhar lá fora.

Junto à porta, no fundo da cama, o outro espiava a parede úmida, o crucifixo negro, as moscas no fio de luz. Com inveja, perguntava o que acontecia.

Deslumbrado, anunciava o primeiro:

– Um cachorro ergue a perninha no poste.

Mais tarde:

– Uma menina de vestido branco pulando corda.

Ou ainda:

– Agora é um enterro de luxo.

Sem nada ver, o amigo remordia-se no seu canto. O mais velho acabou morrendo, para alegria do segundo, instalado afinal debaixo da janela.

Não dormiu, antegozando a manhã. Bem desconfiava que o outro não revelava tudo.

Cochilou um instante – era dia. Sentou-se na cama, com dores espichou o pescoço: entre os muros em ruína, ali no beco, um monte de lixo.

Segundo o que se observou no conto, os dois velhinhos são o nome do título e configuram também como os personagens protagonistas da narrativa, que mesmo inconscientemente predispõem a lutar por um espaço supostamente melhor: a cama instalada mais próxima à janela do quarto. Confere-se que o narrador é a única testemunha da condição de abandono e solidão a que estão submetidos naquele cubículo apertado de um asilo.

O abandono na velhice é um aspecto da solidão bastante peculiar na obra de Dalton Trevisan, que se reitera nesse conto. Acerca desta situação da solidão, a narrativa consegue despertar no leitor as mais diversas sensações de indignação e pesar, promovendo o questionamento sobre os atos que alguns membros da sociedade moderna praticam contra os idosos.

Superada essa primeira impressão, compreende-se que a temática mais relevante no momento é a inveja e a sensação de inferioridade. No conto, observa-se nitidamente como estes sentimentos atinge e maltrata o ser humano. Conforme Crepaldi (2002), o caracterizador da inveja é a frustração consigo próprio, é a tristeza com suas coisas, é a intolerância por se sentir menor e inferior aos outros.

Num aprofundamento de perspectivas, pode ser apreendido que o primeiro velhinho queria tão somente demonstrar as suas fantasias e sua possibilidade de abstrair e sonhar, sendo que o segundo velhinho, às escondidas, não suportava isso, num suposto diálogo mental hipotético: “só ele quem vê, só ele quem pode, só ele quem consegue”.

Desta forma, segundo Amaral (1998), direcionando para os grupos e convívios sociais contemporâneos, observa-se que a sociedade, muitas vezes, é assim, e por isso, desde os mínimos objetos, situações ou condições as pessoas já se comparam às outras, e em muitos casos, não se contentam nem se conformam com o que possuem.

Assim, a noção Foucaultiana do discurso afirma que este é uma representação culturalmente construída pela realidade – e não uma cópia exata (Foucault, 1992), e por isso, o enunciado do conto é representativo de uma sociedade, conforme corrobora Silva e Albuquerque (2017, p. 7), ao afirmar que “as experiências culturais constroem-se a partir das representações que um determinado grupo social faz do mundo”.

4. Os sentimentos de inveja e inferioridade no contexto

Por meio das considerações de Figueiredo e Ferreira (2011), apreende-se que por ser de elevada complexidade em sua estrutura conceitual, a cobiça já se permitiu ser estudada pelos diversos domínios do conhecimento humano: desde a linguística à literatura, desde a filosofia à psicanálise, desde a teologia à neurociência.

Dunker (2006) evidencia que o fenômeno da inveja e do sentimento de inferioridade tem muita ocorrência porque as pessoas para fazer-lhes frente, se utilizam de muitos mecanismos de defesa com a finalidade de abrandar suas angústias, escondê-las ou afastá-las totalmente. Frequentemente também, o aspecto da competição interpessoal, gerando instabilidade ao indivíduo ou ao grupo social. Portanto, as variáveis – inveja e inferioridade – estão inter-relacionadas.

Nesta perspectiva, com base no conto, nota-se que o primeiro velho fantasiava com um cachorro peralta próximo a um poste, sonhava com uma linda menina vestida de branco a pular corda, e até mesmo com a imponente de um cortejo fúnebre com muitos carros. O que na verdade era tudo devaneio de quem busca a felicidade em coisas simples. O lado de fora da janela lhe permitia sonhar.

As narrativas de Dalton Trevisan, para Rosalino (2002), são tão envolventes porque muitas vezes têm como tema a própria narrativa e também porque apelam diretamente ao leitor, fazendo dele um verdadeiro cúmplice. Alguns contos saem de seu mundo literário e invadem o espaço do leitor e em outros contos é o leitor que é sugado e transportado para dentro da narrativa.

E por isso, talvez seja possível encontrar egoísmo nos dois velhos: o que continuou vivo, que se alegrou com a morte do outro e; o que morreu, caso se considere que ele queria causar inveja ao outro, fazendo-o pensar que conseguia realmente ver as pessoas na rua. Configurando assim, uma inveja às avessas.

Esclareça-se que a inveja é um sentimento que se nega tanto a terceiros como a si mesmo, conforme cita Klein (2011), momento em que o invejoso deseja ocultar a sua inveja, sendo raro assumi-la, pois seria aceitar (reconhecer) uma carência. O conto remete a uma vertente a que a inveja escancara – a questão moral; não há como negar que a narrativa faz com que qualquer leitor reflita sobre o egoísmo próprio do ser humano.

Com base nestes pressupostos, Figueiredo e Ferreira (2011) enfatizam sobre como a inveja vem sendo tratada e discutida há muito tempo:

A inveja está presente na literatura, nos contos, nos mitos, na realidade, nas narrações, nos aforismos, no folclore, na cultura popular e, dada a sua relevância, foi tratada por diferentes pensadores ao longo da história. Dentre eles, podemos citar: Aristóteles (384-322 a.C.), Ovídio (43-17? a.C.), Francis Bacon (1561-1626), Freud (1856-1939), Melanie Klein (1882-1960), Lacan (1901-1981) e muitos outros. Bacon, por exemplo, de forma contundente, chegou a afirmar que a inveja é a ejaculação dos olhos. Essa definição nos remete à própria etimologia da palavra inveja, formada pelos étimos latinos *in* (dentro de) + *videre* (olhar), que indicam claramente o quanto esse sentimento alude a um olhar mau que penetra no outro. Essa alusão acabou por se disseminar em diferentes expressões populares, tais como mau olhado, olho grande, olhar que seca pimenteira, entre outras. (FIGUEIREDO; FERREIRA, 2011, p. 16)

Rosalino (2002) esclarece que após a caracterização da inveja, faz-se necessário informar que ao trabalhar com a narrativa curta, o autor permite a pluralidade de assuntos, permitindo uma crítica social mais contextualizada. E no texto em questão, vale a observação de Aristóteles (2003) esclarecedora de que nenhuma pessoa tem inveja daqueles que, aos seus olhos ou aos olhos dos outros, o são muito inferiores ou muito superiores.

Na análise do conto, apreende-se que o estilo do autor é mais enxuto, com frases curtas, parágrafos incisivos e diretos, dando importância ao fato narrado mais que a detalhes das personagens. Em alguns trechos ocorre a presença de um humor sutil; em outros, a crueldade das palavras ao denunciar os problemas sociais, as relações em conflito (KOLODY, 1997).

Conforme Cunha (1998), apresenta-se no conto, algumas leituras que remetem sempre a novas impressões, considerando que Trevisan mesmo mantendo a relação de seus enredos com um mundo real, ele o faz com um certo distanciamento, o que remete a nuances, decisões e verdades, sempre com muitas sutilezas.

Logo, observa-se a comunicação da interpessoalidade, com símbolos e perspicácia, o que para Cândido (1993, p. 23) são “as veleidades mais profundas do indivíduo que se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade”.

A respeito da inveja, nota-se a análise de Verdiani (2006) como sendo um sentimento de inferioridade e de desgosto diante da felicidade do próximo. É um sentimento de cobiça da riqueza, do brilho e do sucesso alheio. Configurado no texto pela necessidade de ocupar o espaço do outro,

neste caso toda a fortuna e prosperidade se resumem ao local de onde a cama se encontrava.

Esta condição desconfiada e prejudicial a que estão submetidos os dois personagens fica compreendida no texto conforme os detalhamentos a seguir transcritos, uma vez que o velho (enquanto invejoso) deslocou para o outro a sua fragilidade e sua repulsa:

- A passagem “o outro espiava a parede úmida, o crucifixo negro, as moscas no fio de luz” enfatiza a condição de inferioridade do segundo velho diante das limitações do local onde se encontrava, sem no entanto, ocorrer a culpa do outro velho;
- O trecho “com inveja perguntava o que acontecia” evidencia claramente a sua condição de cobiçador, pesaroso e infeliz, e que faz mal principalmente a ele próprio;
- O fragmento “o amigo remordia-se no seu canto” demonstra a sua prática de inveja de forma velada, mascarada ou dissimulada;
- A construção frasal “o mais velho acabou morrendo para a alegria do segundo” destaca, finalmente, a sua cobiça de maneira escancarada e pretensiosa, ou seja, o seu objetivo foi alcançado, mesmo que mesquinhasmente tenha ocorrido com a morte do outro;
- O fragmento “retorcendo os aleijões e esticando a cabeça, apenas um podia olhar lá fora” remete ao humor de que mesmo muito idoso e prostrado o primeiro velho possuía algo melhor que o segundo: a possibilidade de bisbilhotar o mundo imaginário da janela, configurando-se como uma diferença entre os dois.

Note-se que segundo Crepaldi (2002), a inveja é determinada pela força habitante no coração das pessoas como seres sociais e está intrinsecamente ligada ao fato de se estabelecer uma comparação recíproca. Trata-se de uma forma de rejeição da diversidade. O ser humano experimenta uma grande necessidade de equalização (igualdade) que, no entanto, não acontece.

E sobre esse jogo de competir, as pessoas aprendem, desde muito cedo, a interiorizar o processo competitivo. Elimina-se a capacidade de ver as coisas em si mesmas e só se consegue entender as pessoas e as coisas estando em competição constante umas com as outras (CREPALDI, 2002).

Por fim, com base nas reflexões de Verdiani (2006, p. 11), nota-se que a inveja com o “seu caráter dissimulado, secreto e paciente dificulta sua percepção pela maioria das pessoas”. Apreende-se sobre um sentimento que se manifesta de forma sutil e encoberta, já em alguns momentos, deixa transparecer toda a sua força e contágio, destruindo na alma todo e qualquer bom sentimento, pois a cobiça pode assumir condutas distintas, como: indiferença, ironia, maledicência, calúnia, infâmia, indignação, capricho, deboche, ódio, desespero, e tantos outros artifícios.

5. Considerações finais

Com a finalização deste artigo conclui-se que ao apresentar as vertentes da inveja no conto “Dois Velinhos”, o escritor Dalton Trevisan traz a percepção de que não somente nas relações entre os dois personagens existe a inveja, mas em todos os ambientes da convivência humana, algumas vezes são cobiças visíveis e muitas vezes veladas.

Com base em Silva (2017), apreendeu-se que Trevisan deu nova roupagem ao gênero conto, ao criar personagens protagonistas cujas vidas são monótonas e sem acontecimentos relevantes, pois rompeu com a tradicional construção dramática e preconizou em suas narrativas a concentração de recursos expressivos pela linguagem direta.

Observou-se que experiência de vida dos personagens não foi tratada na narrativa, pois no modo de escrever do autor, certos detalhes não são significativos, restando ao leitor somente a percepção da solidão que se configura aos dois velinhos como o isolamento de relacionamentos significativos que lhes trouxesse satisfação em viver.

Outro aspecto conclusivo deste artigo diz respeito ao equívoco de acreditar que a bondade humana se relaciona à idade, bem como ao absurdo de se relacionar velhice com solidão, como se fosse uma experiência obrigatória quando as pessoas ficam mais velhas, ou até mesmo que são “coitadinhas” por serem abandonadas pelos familiares. Sabe-se que estes assuntos têm peculiaridades que precisam ser discutidas mais profundamente. O que se deve apreender do texto é que o ser humano, independentemente de sua faixa etária, pode apresentar as mesmas virtudes e vícios de qualquer outro indivíduo.

Por fim, com uma ambiência de reflexão e introspecção o conto traz

a percepção de que a inveja é um conceito de grande abrangência e utilidade para o entendimento da essência humana, à medida que torna possível a reflexão dos afetos, desejos e comportamentos decorrentes da cobiça.

O mundo da literatura traz a prerrogativa de muito se esmiuçar o sujeito e os personagens de uma narrativa, uma vez que se tem o “decifrar” das ações humanas no mundo literário e no mundo real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L. A. *Deficiência, questões conceituais e alguns de seus desdobramentos*. Cadernos de Psicologia, Editora Unicamp-SP, 1998.

ARAÚJO, R. M. de. *Inveja em organizações públicas: reflexões introdutórias*. Canoas-RS: Diálogo, 2014.

ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: *Questões de estética e de literatura*. 3. ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira (Momentos decisivos)*. 7. ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: [s/ed.], 1993.

CUNHA, F. Quase elefantes. In: TREVISAN, Dalton. *Cemitério de elefantes*. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CREPALDI, L. *A inveja no mundo atual*. In: *Revista IMES Comunicação*, São Caetano do Sul, v. II, n.4, p. 60-62, 2002.

Dunker, C.I.L. A angústia e as paixões da alma. In N. V. A Leite, (Org.), *Corpolinguagem – Angústia: o afeto que não engana*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2006.

FIGUEIREDO, M.F; FERREIRA, L.A. *Olhos de Caim: a inveja sob as lentes da linguística e da psicanálise*. Coleção Mestrado em Linguística. Franca-SP: Unifran, 2011.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

JAKUBOWSKA, M. *Dalton Trevisan: crítica e interpretação*. Documentação Paranaense, Biblioteca Pública do Paraná, 1980.

KLEIN, M. *Inveja e gratidão: e outros trabalhos 1946-1963*. Coleção Psi-

ciologia Analítica. Rio de Janeiro: Imago, 2011.

KOLODY, H. *Sinfonia da Vida*. Curitiba, PR, Pólo Editorial do Paraná, Organização Tereza H. de Rezende. 1997.

NUNES, B. *et al. Narrativa: Ficção e História*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

OLIVEIRA, A. P.; DANTAS, J. *A visita: construção da linguagem e desconstrução da narrativa em Dalton Trevisan*. INVESTIGAÇÕES (UFPE. IMPRESSO), v. 24, 2011.

ROSALINO, R.B. *Dalton Trevisan e o projeto estético minimalista*. Florianópolis: UFSC, 2002.

SCHOLLHAMMER, K.E. *Ficção brasileira contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SILVA, P. H. G. da, ALBUQUERQUE, F. E. *As ciências do léxico: proposições para a prática docente no ensino de línguas indígenas*. Revista Univap. São José dos Campos-SP, v. 24, n. 44, jul. 2018, p. 39-53. Disponível em <https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/1877>, Acesso em 21 out 2018.

SILVA, P.H.G.da, ALBUQUERQUE, F.E. *O léxico da produção agropecuária em Colinas do Tocantins: uma análise das relações entre identidade, linguagem e cultura*. Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v. 6, n. 2, 2017. Disponível em <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/2409/1729>, Acesso em 30dez2017.

SILVA, I.C. Dalton Trevisan e sua filiação ao conto tchekhoviano: diálogo entre periferias do capitalismo. In: *Revista Ribanceira*. Universidade do Estado do Pará, 2017. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/ribanceira/article/viewFile/1236/766>, Acesso em 21 out 2018.

TORGA, V.L.M; CAVALCANTE FILHO, U. *Leitura e Produção de Textos: Gêneros Discursivos e Tipos Textuais*. 1. ed. Ilhéus-BA: Editus, 2011.

TREVISAN, D. *Mistérios de Curitiba*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

VERDIANI, G.M. S. *Um estudo sobre a inveja no ambiente organizacional*. Araraquara. Dissertação de mestrado-PMDRM-Centro Universitário de Araraquara, 2006.

WALDMAN, B. *Faca no coração: uma leitura da obra de Dalton Trevisan*. Minas Gerais: Suplemento Literário, v. 1321, p. 5-7, 2009.